

INSTITUTO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS
FACULDADE DE LETRAS — UNIVERSIDADE DE COIMBRA



Cadernos de Geografia

CONTRIBUIÇÃO DA GEOGRAFIA FÍSICA
PARA A INVENTARIAÇÃO DAS POTENCIALIDADES TURÍSTICAS
DO BAIXO MONDEGO *

FERNANDO REBELO
LÚCIO CUNHA
A. CAMPAR DE ALMEIDA

R E S U M O

Os campos do Mondego, a planície litoral, as colinas, as serras calcárias e as matas são alguns dos elementos naturais das paisagens abrangidas pela área do Plano Integrado de Desenvolvimento Regional (PIDR) do Baixo Mondego que se podem considerar com interesse turístico.

No presente artigo, depois de se fazer uma inventariação dos elementos naturais com interesse turístico na área geralmente considerada como Baixo Mondego, definem-se três tipos principais de paisagens (paisagens contrastantes de montanha, paisagens tipicamente mediterrâneas e paisagens aplanadas de rio e de mar) salientando-se locais donde é mais fácil a sua observação.

R É S U M É

La plaine alluviale du Mondego, la plaine littorale, les collines, les montagnes calcaires et les bois se trouvent entre les éléments physiques des paysages de l'aire du Plan Intégré de Développement Régional du Bas Mondego avec un certain intérêt au point de vue touristique.

Ainsi, après inventorier les éléments physiques touristiquement intéressants dans la région du Bas Mondego, on souligne les trois types de paysages identifiés

* Texto elaborado a partir da comunicação sobre o mesmo tema apresentada pelos Autores, no dia 8 de Junho de 1989, no Colóquio «Desenvolvimento dos Recursos Culturais e Turísticos do Baixo Mondego», organizado pela Comissão de Coordenação da Região Centro (CCRC) e pelo Gabinete Coordenador do Plano Integrado de Desenvolvimento Regional (PIDR) do Baixo Mondego.

(paysages contrastants de montagne, paysages typiquement méditerranéens et paysages aplanis à coté du fleuve ou de la mer), si bien que les sites les plus beaux pour leur observation.

ABSTRACT

The floodplain of Mondego River, the littoral plain, the hills, the limestone mountains and the woods are some of the natural parts of the landscapes in the area of the Regional Development Integrated Plan of «Baixo Mondego» which might be classified as touristically interesting.

In this paper, a record of the potentially interesting places for tourism in that area is attempted. Three major types of scenarios are bound to be observed from several places: contrasting mountain scenarios, typical mediterranean scenarios and flood or littoral plain scenarios.

INTRODUÇÃO

«O Mondego é o fulcro.

De todos os rios que drenam o planalto beirão, ele será o único a atingir o Mar. Por isso os outros lhe prestam vassalagem — pagam-lhe o tributo das suas águas.

O Mondego, essa linha de água que, logo na origem, se vê ser 'um rio de chorões e salgueirais', talvez porque assim sucede, acorda nas almas — Portugal além — mesmo naquelas que nunca o viram, um não sei quê de balada, algo de inefável beleza, o ritmo doce de uma serenata!»

ALFREDO FERNANDES MARTINS,

O Esforço do Homem na Bacia do Mondego,

Coimbra, 1940, p. 77.

Os estudos de Geografia Física implicam uma forte componente de trabalho de campo. A escala a que normalmente se processam leva quase sempre, após uma primeira fase de pesquisa sobre mapas e fotografias aéreas, à procura de pontos altos, de bons miradouros, de locais onde seja possível abarcar o máximo possível do espaço que, posteriormente, terá de ser percorrido com atenção em busca de elementos que sejam a chave da explicação do conjunto do relevo.

O conhecimento da área em que investiga é, portanto, para o geógrafo físico, uma realidade a três níveis. Este facto, se for ligado a uma certa

sensibilidade estética, permitir-lhe-á «juntar o útil ao agradável». Dificilmente se encontrará alguém que esteja em melhores condições para colaborar na inventariação das potencialidades turísticas da sua área de trabalho no respeitante a património natural.

A chamada área do PIDR (Plano Integrado de Desenvolvimento Regional) do Baixo Mondego corresponde aos Concelhos de Coimbra, Condeixa, Figueira da Foz, Montemor-o-Velho e Soure, ou seja, a um espaço que pertence, quase todo, à bacia hidrográfica do Mondego. O seu conhecimento é para nós um objectivo nunca atingido, mas sempre procurado desde que tomámos contacto com alguns aspectos da sua problemática pelas mãos do Prof. Alfredo Fernandes Martins, que sobre toda a bacia tinha feito a tese de Licenciatura passam, agora, exactamente, 50 anos¹.

A tradição de estudo da área dita do Baixo Mondego frutificou entre os geógrafos de Coimbra. Muitos fizeram pequenas monografias, algumas publicadas, outras inéditas. No âmbito da Geografia Física, as vertentes do Dueça trouxeram-nos até Ceira, Castelo Viegas e Almalaguês (F. REBELO, 1967), como os tufos de Condeixa deram a A. Gama MENDES (1974) a possibilidade de mostrar aspectos da paisagem de Condeixa-a-Nova, Condeixa-a-Velha e Cernache. Mais recentemente, foi a vez do estudo aprofundado das serras calcárias do Circo e do Rabaçal incluído num conjunto mais vasto ultrapassando os limites da área (L. CUNHA, 1988), como é o início dos trabalhos para um estudo das paisagens a Norte da planície aluvial do Mondego².

Desde há uns 15 a 20 anos, acompanhamos ou dirigimos excursões e trabalhos de campo em toda a área agora definida como do PIDR do Baixo Mondego. Se no aspecto científico temos dúvidas em muitos pontos e o seu completo conhecimento será um bom motivo para nos obrigar sempre a novas investigações, no aspecto estético temos um significativo conjunto de certezas que nos autorizam a arriscar um primeiro inventário como base para propostas concretas no quadro da defesa do património natural.

Só o interesse que temos na aplicação do trabalho realizado pode justificar o parcelamento por que optamos na sua apresentação, tanto ao definirmos as características geomorfológicas de cada Concelho, como, depois, ao analisarmos, caso a caso, cada elemento potencialmente turístico.

¹ A dissertação de Licenciatura do Prof. A. Fernandes Martins, intitulada «O Esforço do Homem na Bacia do Mondego», foi defendida em provas públicas na Faculdade de Letras de Coimbra em Julho de 1940.

² A. Campar de Almeida vem desenvolvendo o estudo ecológico da paisagem a Norte dos Campos do Mondego entre a Bairrada e o litoral.



FIG. 1 — Mapa de localização. Concelhos abrangidos pelo PIDR do Baixo Mondego.

Legenda: 1 — Sedes de Concelho. 2 — Sedes de Freguesias. 3 — Curvas de nível (equidistância: 50 metros). 4 — Rios. 5 — Limites de Concelhos.

ASPECTOS FÍSICOS MAIS IMPORTANTES

Características geomorfológicas

O Concelho de Coimbra estende-se por 316,83 km² e é, sem dúvida, dos cinco Concelhos que constituem a área do PIDR do Baixo Mondego, o de maiores contrastes de relevo. Eles devem-se, em primeiro lugar, ao facto de, na parte oriental do Concelho, passar o contacto entre as duas principais unidades estruturais do nosso país — o Orla mesoceno-zóica, com rochas mais recentes e quase sempre mais facilmente desagregáveis, abatida, e o Maciço Antigo Ibérico ou Maciço Hespérico, com rochas mais antigas e por vezes mais resistentes, soerguido, profundamente cortado pelo Mondego e alguns dos seus afluentes e sub-afluentes.

Assim, para Oeste, para Norte e para Sul da cidade de Coimbra, são de baixa altitude (entre 50 e 200 metros) as colinas e os pequenos planaltos, gresoconglomeráticos ou calcomargosos, bem como os terraços fluviais que rodeiam a planície aluvial do Mondego e as suas penetrações em digitação pelos vales afluentes.

Para Leste da cidade, em contrapartida, são de altitudes médias (entre 250 e 400 metros) os blocos montanhosos de xisto, resultantes do encaixe do Mondego e doutros cursos de água seus afluentes, que se dispõem como que em escadaria e culminam a 533 metros de altitude já no Concelho de Penacova, na Serra do Roxo-Aveleira, Serra incluída no conjunto do chamado Maciço Marginal de Coimbra (F. REBELO, 1985).

Apenas com 141,16 km² de superfície, Condeixa é o mais pequeno dos cinco Concelhos em causa.

O Concelho de Condeixa não é banhado directamente pelo Rio Mondego; no entanto, a sua extremidade Noroeste corresponde a áreas baixas, sejam digitações de antigas planícies por onde correm dois dos seus afluentes pela margem esquerda, um dos quais, o Rio dos Mouros, atravessa todo o Concelho numa situação quase central, de Sueste para Noroeste.

Todo o espaço se integra na Orla mesoceno-zóica dividindo-se as rochas existentes em dois grandes grupos — as argilo-arenosas e cascalhentas, onde ocorrem as menores altitudes (até cerca de 100 metros) e as calcárias, mais ou menos margosas, consoante a área de afloramento seja mais para Leste ou mais para o centro do Concelho, onde ocorrem as maiores altitudes (várias colinas acima dos 350 metros, uma, a da Serra do Circo, com 406 metros).

As formas de relevo com algum interesse turístico relacionam-se com afloramentos calcários. Estes, tanto oferecem extensões planálticas de baixa

altitude (caso dos tufos calcários próximos da sede do Concelho, Condeixa-a-Nova), como oferecem paredes verticais de pequena dimensão em vales fluvio-cársicos ou as referidas colinas, algumas dando já uma aparência montanhosa sucessivamente mais importante quando se avança para Sul para os limites do Concelho e para o Concelho vizinho de Soure (L. CUNHA, 1988).

O Concelho da Figueira da Foz é o mais extenso dos cinco Concelhos considerados — 379,43 km².

Atravessado praticamente a meio, segundo uma direcção sensivelmente WNW-ESE, por uma linha de relevos salientes de baixa altitude (entre 100 e 250 metros), em cuja extremidade ocidental se salienta a Serra da Boa Viagem, o Concelho da Figueira da Foz apresenta-se, na sua maior parte, como um espaço de grandes extensões planas e baixas (menos de 100 metros).

Os pontos mais elevados do Concelho encontram-se ao longo da referida linha e correspondem ao afloramento das rochas calcárias do Jurássico médio (Dogger) — Bandeira (258 metros), Monte Redondo (218), Cabeço da Corredoura (215), Buarcos v.g. (214), todos na Serra da Boa Viagem. Localmente importante é, ainda, a altitude da Serra das Alhadas (153 metros), na continuação para Leste da mesma linha de relevos.

A Norte e a Sul desta linha é o domínio da planície, seja da planície de nível de base do Mondego, espalhando-se em digitação pelos vales da Foja e do Pranto, seja da planície litoral, seja, ainda, dos baixos planaltos quase todos arenosos ou cascalhentos correspondendo a praias ou a terraços pliocénicos ou quaternários.

A originalidade do Concelho da Figueira da Foz relativamente aos outros Concelhos em apreciação está, todavia, no facto de ser banhado pelo Atlântico e, por isso, oferecer cerca de 33 km de costa, que só não é arenosa na área do Cabo Mondego, onde se impõem as arribas, por vezes com mais de 50 metros de altura, da Serra da Boa Viagem.

O Concelho de Montemor-o-Velho ocupa uma superfície de 228,62 km² e, dos cinco considerados, é o de cotas mais baixas.

Atravessado pelo Mondego, segundo uma direcção ENE-WSW, na sua metade meridional, aí se encontram extensões planas com altitudes inferiores a 10 metros (valores entre 2 e 8 metros) correspondendo à planície de nível de base do Mondego, que chega a atingir 4 km de largura, e a pequenas digitações onde desaguam valas ou rios afluentes (exemplo mais importante, a Vala de Alfarelos ou Rio dos Mouros).

A maior parte da área do Concelho apresenta altitudes entre os 50 e os 100 metros, sob formas de relevo planálticas, em geral, pouco cortadas por vales, quando muito harmoniosamente onduladas, talhadas quase sempre em rochas arenosas e cascalhentas, de fraca coesão.

Os reduzidos afloramentos calcários originam as colinas alongadas das proximidades da sede do Concelho, onde se encontram altitudes ligeiramente acima dos 100 metros (Cavalinha, 115), e a própria colina do Castelo de Montemor. A Sul do Mondego, na área de Verride, os calcários, mesmo do Jurássico médio (Dogger), oferecem uma paisagem basicamente planáltica, recortada por vales meandrantes.

Grande parte da metade Norte do Concelho é coberta por areias finas de origem eólica conhecidas pela designação de Areias da Gândara (G. S. CARVALHO, 1964). Para Sul, algumas das extensões planas correspondem a terraços fluviais do Mondego escalonados em níveis de altitudes diferentes.

Finalmente, situado no Centro-Sul do conjunto dos Concelhos do PIDR do Baixo Mondego, o Concelho de Soure estende-se por 263,91 km² e apresenta um relevo variado.

O Mondego serve de limite à extremidade Norte do Concelho e só uma pequeníssima parte da sua planície aluvial está incluída na área. As terras mais baixas (menos de 10 metros de altitude) correspondem, também, a parte de duas digitações (Vala de Alfarelos ou Rio dos Mouros e Vala Real ou Rio do Pranto) e à quase totalidade de outra, por onde corre, na sua secção terminal, o principal afluente do Mondego na Orla mesocenozóica, o Arunca. Este, atravessa o Concelho praticamente a meio, de Sul para Norte, desenvolvendo a sua própria planície aluvial a montante do encaixe que apresenta nas proximidades da sede do Concelho — altitudes inferiores a 50 metros.

A Oeste do vale do Arunca, afloram calcários, mas as formas do relevo são baixas e recortadas predominando os elementos planos entre os 50 e os 100 metros de altitude; com características planálticas e altitudes entre os 120 e os 140 metros domina aí um importante nível pliocénico. Igualmente colinas e extensões planálticas de baixa altitude encontram-se na parte Norte e Leste do Concelho, seja sobre materiais arenosos e cascalhentos, seja sobre calcários dolomíticos, seja, ainda, sobre as margas do diapiro de Soure.

A parte mais movimentada e de mais belas paisagens do Concelho encontra-se na extremidade SE, na Serra do Rabaçal e na Serra do Sicó, Serras parcialmente pertencentes ao Concelho de Soure, onde se chegam a ultrapassar os 500 metros de altitude (532, no Rabaçal) e onde se vêem profundos encaixes, sectores aplanados e aspectos montanhosos devidos em

grande parte às características de compactidade dos calcários do Jurássico médio (Dogger) que aí afloram (L. CUNHA, 1988).

Características climáticas

Em termos muito gerais poderá dizer-se que a área do PIDR do Baixo Mondego, tal como as regiões do centro-litoral vizinhas, «goza de um clima temperado de características basicamente mediterrâneas (verões quentes e secos, invernos suaves e chuvosos) mais ou menos influenciado pelo Atlântico; é grande a variabilidade anual das chuvas, mas as temperaturas negativas e a queda de neve são raras». A proximidade do mar geia, todavia, algumas diferenças. «Por exemplo, no litoral as amplitudes térmicas são fracas — na Figueira da Foz, a temperatura média do mês mais frio, Janeiro, é de 10,1°C e a do mês mais quente, Agosto, de 19,2°C, enquanto em Coimbra, a cerca de 40 km da costa, a de Janeiro é de 9,7°C e a de Agosto, de 22,2°C; bem maior é a diferença de valores de precipitação anual média em função das altitudes e da orientação das massas montanhosas — Figueira da Foz, apenas 627,1 mm, Coimbra, 961,6 mm» (F. REBELO, 1984).

Na Figueira da Foz não se registam temperaturas mínimas do ar abaixo de 0°C e o número de dias de temperatura máxima acima de 25°C é, em média, apenas, de 29. Em Coimbra, pelo contrário, há, em média, 4 dias por ano com temperaturas abaixo de 0°C e 117 com temperaturas máximas acima de 25°C.

Quanto à precipitação, na Figueira da Foz, verificam-se 106 dias de chuva, em média, por ano, dos quais apenas 83 registam mais de 1 mm e 20 mais de 10 mm. Em Coimbra, há 138 dias de chuva por ano, dos quais 100 com mais de 1 mm e 34 com mais de 10 mm.

No entanto, ao pensar-se em potencialidades turísticas, há outros elementos climáticos que importa conhecer.

São, sem dúvida, de grande interesse turístico os valores de pressão atmosférica e de insolação registados na Figueira da Foz. As médias mensais de pressão atmosférica oscilam entre 1017,8 milibares (Abril) e 1022,7 milibares (Janeiro) sendo a média anual de 1019,5. A insolação total anual média é de 2627,3 horas sendo a máxima mensal, em Julho, de 312,6 horas; mesmo em Dezembro, a mínima, é de 141,4 horas.

Em Coimbra, a pressão atmosférica é mais baixa (média anual de 1000,8 milibares), mas a insolação, de 2604,6 horas por ano, é muito semelhante³.

³ Dados extraídos das «Normais Climatológicas» (1965).

ELEMENTOS DO PATRIMÓNIO NATURAL

Planície aluvial do Mondego

A planície ou plaino aluvial do Mondego é, indubitavelmente, o elemento de ligação entre todos os Concelhos da área do PIDR do Baixo Mondego.

Estende-se quase de Coimbra à Figueira da Foz — «o vale, logo na Portela, começa a alargar, o Mondego corre nos terrenos que depositou ... Os meandros encaixados cedem o lugar aos meandros divagantes; o curso é um tanto incerto, sem todavia esquecermos que em dois troços parece ter sido condicionado por acidentes tectónicos — na travessia dos terrenos liássicos, a montante de Coimbra, e na goteira de Verride» (A. F. MARTINS, 1940, p. 86).

A platitude tem a sua beleza intrínseca, mas pode acrescentar-se-lhe a ocupação vegetal introduzida pelo homem com arvoredos onde predominam os choupos e culturas onde se destaca a do arroz; nesta, sublinhe-se a divisão em parcelas de dimensão pequena a média que oferece uma certa originalidade, pelo menos em termos europeus — os arrozais do Mondego.

Obra do Homem, os arrozais integram-se na paisagem natural com harmonia e obrigam a água das inundações (quando estas se verificam) a permanecer mais longamente no campo.

Fora da época cultural, ou aproveitando talhões em pousio, podem ver-se, por vezes, como é o caso na digitação da Foja, cavalos a pastar livremente; trata-se de uma das actividades tradicionais do Baixo Mondego particularmente na área de Montemor-o-Velho.

Além dos arrozais, mas podendo com eles relacionar-se, são igualmente de salientar os paúis.

O Paúl de Arzila situa-se numa das digitações da planície aluvial do Mondego, na sua margem esquerda, mais concretamente, na que é percorrida pelas valas que drenam, com dificuldade, as águas da Ribeira de Cernache — Vala dos Moinhos, Vala do Meio e Vala da Costa. Estende-se pela freguesia de Arzila (Concelho de Coimbra) e, ainda, pelas de Anobra (Concelho de Condeixa) e Pereira do Campo (Montemor-o-Velho) numa superfície de cerca de 150 hectares.

De todos os paúis do Baixo Mondego, o Paúl de Arzila é o melhor estudado. Nos seus quase 6 Km de extensão vivem ou passam muitas espécies animais. Aí foram assinaladas 113 espécies animais, com destaque para aves, como, por exemplo, o peneireiro cinzento, ave de rapina rara no nosso país, a garça vermelha, visitante de Verão, a garça boieira, visitante de Inverno; acrescentam-se-lhes outras garças, patos, pombos, poupas,

milhafres, etc. Entre os mamíferos destaca-se a lontra, como entre os peixes se salienta a enguia, esta de grande interesse económico local (F. Ferrand de ALMEIDA et al., 1983).

Quanto à flora, o Paúl de Arzila tem, igualmente, uma grande variedade de espécies. Predomina o bunho, o caniço e a tabua, mas já foram identificadas 150 espécies diferentes (J. PAIVA, 1987).

O Paúl de Quinhendros situa-se numa das digitações da planície aluvial do Mondego, mais precisamente, na sua margem direita, entre Montemor-o-Velho e Quinhendros. Corresponde a uma área de alagamento permanente de antigos campos de arroz com uma dimensão próxima dos 50 hectares onde se verifica o poiso e a permanência de numerosas espécies de aves que aí se encontram em elevadas densidades e das quais se destacam os patos, os galeirões e as garças. Todas estas aves podem ser vistas com facilidade a partir da estrada Coimbra-Figueira da Foz, estrada que serve de limite Sul ao Paúl de Quinhendros, nas clareiras de água deixadas pela vegetação (caniços e tabuas, quase sempre).

Situado imediatamente a Sul de Casal do Redinho (freguesia de Vila Nova de Anços, Concelho de Soure), numa das digitações da planície aluvial do Mondego, na sua margem esquerda, a do Arunca, o Paúl da Madriz tem uma área de apenas 23 hectares e ocupa o espaço de antigos arrozais onde a água se acumula e dificilmente circula por falta de declives suficientes. Aí prolifera uma flora higrófila, dominada, também, pelo caniço e pela tabua que dão uma certa uniformidade vegetal ao paúl.

No respeitante à fauna, verifica-se que o Paúl da Madriz alberga ou é frequentado por uma grande quantidade e variedade de animais, especialmente aves. Foram lá reconhecidas (J. PAIVA, ob. cit.) 10 espécies de peixes, 7 de anfíbios, 11 de répteis, 14 de mamíferos (entre os quais a lontra, a doninha, o texugo e o ouriço cacheiro) e 84 de aves. Destas, metade são sedentárias, 20 invernantes, 13 visitantes de Verão e 2 visitantes de Primavera; 17 delas são consideradas raras pelo que estão legalmente protegidas (caso, por exemplo, da poupa, do falcão tagarote e do guarda-rios).

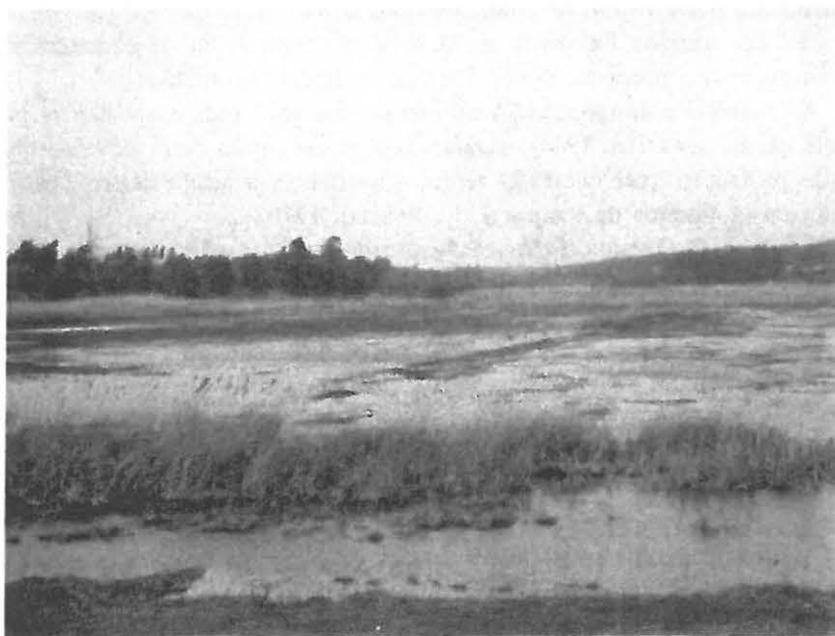
O Paúl da Madriz é cortado quase totalmente por um caminho que permite a sua visita com facilidade.

Tal como o leito ordinário do Mondego a partir de Coimbra, também o seu estuário foi recentemente modificado por importantes obras de engenharia civil que o alongaram e estreitaram de modo a tornar mais funcional o porto da Figueira da Foz.

Da nova ponte podem observar-se os diversos cais, mas também os velhos tabuleiros da seca do bacalhau, alguns vestígios de salinas, o mar e a



FOR. 1 — Planície aluvial do Mondego. Digação da Foja.



FOR. 2 — Paúl de Quinhendros.

cidade, ao mesmo tempo que se pode reflectir sobre a importância do Homem no aproveitamento das condições favoráveis do estuário e no controle das desfavoráveis, a principal das quais era, sem dúvida, o assoreamento progressivo da foz.

Na ilha da Murraceira, as águas da maré avançam pelos esteiros na maré alta (preia-mar) ou abandonam-nos na maré baixa (baixa-mar) deixando visíveis os lodos. No pormenor, salienta-se sempre a vegetação halófila. Quando a funcionar, as salinas ficam separadas pelo fecho de pequenos diques rudimentares. Na área, vêem-se, ainda, os armazéns de madeira onde se guardam o sal e as alfaias necessárias à safra.

Grande parte desta ilha, constituída por sedimentos depositados pelo Mondego já perto da sua foz, tem sido tradicionalmente ocupada por salinas; prevê-se que venha, em breve, a ser ocupada também por importantes instalações de aquacultura. Para já, contrastam os tabuleiros de dimensões variadas das salinas, com as suas formas geométricas, e os canais dos esteiros separados por estreitas faixas de vegetação halófila, uns e outros harmoniosamente em equilíbrio com os avanços e recuos das marés.

Planície litoral

Encostada à base Noroeste da Serra da Boa Viagem, a povoação da Murtinheira pode dispor, tal como a recente urbanização da Praia de Quiaios, na área dos antigos Palheiros de Quiaios, de uma praia de características climáticas muito próprias, pouco ventosa, e de extenso areal.

Aí se inicia o longo cordão litoral que vai ganhando importância para Norte (A. F. MARTINS, 1946) originando algumas dunas de razoável altura e dando protecção quer contra o vento, quer contra a acção destruidora das vagas em momentos de temporal (F. REBELO, 1978).

Na área de Quiaios, perto da localidade de Camarção encontra-se uma pequena lagoa de forma arredondada, com um comprimento máximo de 650 metros e uma largura de cerca de 400. A sua pouca profundidade (1 a 2 metros) permitindo o desenvolvimento de vegetação aquática dá-lhe quase o aspecto de um paúl. Trata-se da Lagoa das Três Braças, ou simplesmente Lagoa das Braças. É visitada ou habitada por grande número de aves aquáticas, com realce para os patos, facilmente vistos ou ouvidos das suas margens.

Na mesma área, mas perto da localidade de Bom Sucesso, fica a Lagoa da Vela. De forma alongada, com cerca de 2 Km de comprimento e uma largura de 300 metros, disposta paralelamente à linha de costa, da qual dista uns 5 Km, a Lagoa da Vela apresenta, pela sua profundidade, entre 2 e



FOR. 3 — Ilha da Murraceira. Salinas.



FOR. 4 — Praias da Murtinheira e de Quiaios.

5 metros, grandes potencialidades no respeitante a desportos náuticos e a pesca desportiva.

Lagoa interdúnica, resultando, portanto, tal como a anterior, do avanço das areias dunares para Leste impedindo assim o normal escoamento das águas correntes para o mar, a Lagoa da Vela encontra-se hoje ligada ao Mondego por intermédio de um pequeno ribeiro que escoas as suas águas, dificilmente, até ao Rio de Foja.

Para Norte da Lagoa da Vela, existem duas outras lagoas do mesmo tipo. No entanto, seja pela sua dimensão, seja pela sua profundidade, apresentam praticamente o aspecto de paúis.

Trata-se da Lagoa Salgueira e da Lagoa dos Teixoeiros. A primeira, está situada no limite Norte da freguesia de Quiaios e tem cerca de 450 metros de comprimento por 300 de largura. A segunda, mais a Norte, está já na freguesia da Tocha (Concelho de Cantanhede, fora da área em apreciação).

Imediatamente a Sul da Lagoa da Vela, encontra-se a Lagoa do Paial, com cerca de 250 metros de comprimento por 50 de largura, também com pouca profundidade e aspecto de paúl.

Para Sul da foz do Mondego, a paisagem é semelhante. Continua a costa arenosa, extensa e com cordão litoral. As dunas, porém, são menos importantes e as lagoas só irão aparecer já fora da área do PIDR do Baixo Mondego.

Colinas, serras calcárias e formas associadas

Antes ainda de passar aos terrenos calcários da Orla, o Mondego encaixa-se na travessia do chamado Maciço Marginal de Coimbra. Declives médios e fortes são aí oferecidos tanto no vale principal, como nos vales das ribeiras afluentes dando, no pormenor, uma paisagem quase montanhosa. Ocupada pelo Homem com dificuldade, toda a área se apresenta movimentada quanto a formas naturais e a convergir para o elemento dominante — o Rio Mondego. No seu leito, há, em certos areinhos, condições favoráveis para se estabelecerem aproveitamentos do tipo praia fluvial. Alguns até já são anarquicamente utilizados por banhistas.

A mais conhecida serra calcária de toda a região é, sem dúvida, a Serra da Boa Viagem. Com uma orientação sensivelmente WNW-ESE e uma altitude máxima de 258 metros (Bandeira), a Serra da Boa Viagem é como que o «ex-libris» da Figueira da Foz, tanto no seu perfil, como no verde da sua mata, bem visíveis do areal, da avenida marginal e de muitos pontos da

cidade. Pelas suas formas de pormenor, pela frescura que oferece nos dias de Verão e pelos seus miradouros, a Serra é o complemento natural da praia da Figueira da Foz.

Quem procurar «beleza selvagem» também a encontra na Serra da Boa Viagem. A alternância de sequências de calcários duros e de calcários margosos e margas, pouco resistentes, do Jurássico médio (Dogger), conjuga-se com a presença do mar oferecendo um nível de base geral a poucos metros de distância de locais que ultrapassam os 200 metros de altitude. A esta conjugação se devem diversos vales encaixados em que cornijas quase verticais, sem vegetação, se seguem a taludes relativamente suaves, com vegetação.

O Vale de Anta é um dos mais interessantes. Tal como outros, próximos, apresenta mais perto do mar uma cobertura vegetal herbácea ou arbustiva nos taludes suaves, desabrigados. Para o interior, a cotas superiores, a vegetação torna-se arbórea, aí dominando os pinheiros mansos e os pinheiros de Alepo. Nas cornijas, quase verticais, praticamente não há vegetação.

São diversos os valeiros de grande beleza, bem como as escarpas imponentes que se desenham na área de arribas do Cabo Mondego e que podem ser apreciados da estrada que liga o farol (a Sul) à Murtinheira (a Norte).

Muito diferente é a paisagem da parte Sueste da área em estudo.

A vasta depressão drenada pelo curso superior do Rio dos Mouros foi talhada nas margas e nos calcários margosos do Jurássico inferior (Lias), entre as serras calcárias, a Oeste, e as colinas dolomíticas, a Leste, situadas já no Concelho vizinho de Penela.

Do conjunto da depressão sobressaem dois pequenos morros encimados por calcários compactos do Jurássico médio (Dogger), embora de fraca espessura. Localizados fora da área do Concelho de Condeixa, estes dois morros de forma grosseiramente cónica, antigamente conhecidos como Germanelos (irmãozinhos), Castelo do Rabaçal, a Norte (na Fot. 6), e Gerumelo, 2 Km a Sul, constituem bons miradouros sobre toda a Baixa onde a agricultura se resume praticamente à vinha e à oliveira, numa paisagem de características bem mediterrâneas.

Das extensas matas que se sabe terem existido em plena Idade Média (S. D. ARNAUT, 1961) praticamente nada resta em termos de vegetação. A ausência da vegetação arbustiva e arbórea (salvo algumas oliveiras) é a consequência de uma pastorícia intensa e mesmo de queimadas para aproveitamento agrícola.

A destruição do manto vegetal, aliada às condições litológicas, de declive e de exposição, e às condições climáticas que afectam a maior parte do ter-



FOT. 5 — Serra da Boa Viagem. Vale de Anta.



FOT. 6 — Morro do Castelo do Rabaçal.

ritório português, levam ao desenvolvimento relativamente rápido das ravinas entretanto formadas nos vales e valeiros de toda a área.

Mais para Oeste, nas proximidades de Conímbriga, o Rio dos Mouros escavou um vale profundo (cerca de 50 metros) e estreito nos calcários compactos do Jurássico médio. O seu leito é pedregoso e o declive longitudinal razoável; só no Inverno é percorrido pelas águas, por vezes abundantes, criando pequenas cascatas e rápidos.

Este vale de paredes quase verticais, conhecido como o «canhão» do Rio dos Mouros, constitui praticamente o fosso natural que pelo lado Sul protegia a cidade romana de Conímbriga tendo, sem dúvida, sido importante como factor de localização deste aglomerado.

Ainda no Concelho de Condeixa, mas agora subindo as serras calcárias para Sul de Conímbriga, as formas são, por vezes, imponentes.

Por exemplo, na freguesia do Furadouro, junto à povoação de Casmilo, pode ver-se um vale do tipo «reculée». Embora não se trate de uma forma absolutamente característica, este vale termina num amplo anfiteatro natural, onde podem ser observados os sectores verticais das vertentes, as «penas», que incluem algumas «buracas» embora de reduzidas dimensões.

O carácter pedregoso das vertentes leva ao aparecimento de muros que, mais do que destinados a afirmar a propriedade individual, revelam a necessidade que havia de despedrejar os campos (hoje abandonados) para uma magra agricultura de sequeiro.

Vales bem diferentes são os que se encontram no cimo da Serra do Rabaçal, já no Concelho de Soure, correspondendo ao afloramento de calcários margosos e margas. Trata-se de curiosas formas de erosão em cabeceiras de pequenos vales sugestivamente conhecidas pelo nome de «barcas». O fundo destes autênticos anfiteatros naturais é, hoje, apenas ocupado com tufos de oliveiras.

No entanto, os vales mais importantes de toda a área são os que, nas Serras, se relacionam com as camadas calcárias do Jurássico médio (Dogger).

A erosão fluvio-cársica levou ao escavamento, por exemplo, do Vale do Poio Novo (Concelho de Soure, freguesia de Degraças, mas com cerca de 750 metros, no seu sector terminal, já no Concelho de Pombal). Trata-se de um vale profundo em cujas vertentes se distinguem secções absolutamente verticais, as «penas», que correspondem às camadas calcárias mais espessas e resistentes e secções menos declivosas, que correspondem às camadas calcárias menos espessas e menos resistentes no conjunto.

Na base das «penas» é frequente a existência de «buracas», designação local para pequenas cavidades naturais de desenvolvimento horizontal, que raramente ultrapassam a dezena de metros de profundidade e que resultaram de complexos processos de fragmentação e dissolução ocorridos em períodos frios do Quaternário (L. CUNHA, 1986).

A ausência de cobertura vegetal, as «buracas» e as escombeiras de gravidade, conferem um carácter agreste, mas espectacular, às vertentes calcárias do Vale do Poio, que merecem ser vistas especialmente a partir de percursos pedestres devidamente assinalados.

No pormenor, podem ainda encontrar-se neste vale algumas pequenas lapas e alguns algares.

Igualmente no Concelho de Soure, mas na freguesia de Tapeus, encontra-se o Vale das Buracas, um dos mais belos «canhões» fluvio-cárcicos das Serras Calcárias de Condeixa-Sicó.

Algumas das «buracas» foram, até há pouco tempo, utilizadas pelo Homem como locais de resguardo nocturno para os gados, mantendo-se, ainda, parcialmente muradas.

Formas de grande pormenor podem também ser observadas nos calcários da região. É o caso, por exemplo, dos campos de lapiás (como o do Casmilo), originados pelo trabalho mecânico e de dissolução das águas de escorrência sobre este tipo de rocha. A infiltração em direcção aos espaços vazios internos dos calcários deixa a superfície praticamente seca e sem vegetação. A pedra nua impressiona tanto pelo aspecto do conjunto, como pelas formas de pormenor, por vezes, de grande beleza.

O campo de lapiás do Casmilo pode facilmente ser visto de um caminho já existente.

Como é sabido, nos calcários a ligação das galerias subterrâneas com a superfície faz-se através de lapas e algares. Estes apresentam, normalmente, entradas de reduzidas dimensões que muitas vezes dificultam a sua exploração. Quando originados por abatimento de abóbadas de galerias subterrâneas, podem apresentar «bocas» de grande perímetro — é o que acontece com o Algar da Janeia, cujo diâmetro é de cerca de 30 metros, para uma profundidade de cerca de 45.

Visível da estrada que liga Condeixa a Penela, é fácil estabelecer um caminho devidamente assinalado até junto do Algar da Janeia, sem dúvida, uma das formas de dissolução e abatimento mais interessantes dos calcários dolomíticos do Jurássico inferior (Lias) no Concelho de Condeixa. No lado contrário da estrada (lado Sul), pode também observar-se uma forma fechada, de dissolução, do tipo dolina.



FOT. 7 — Vale das Buracas. Pormenor.



FOT. 8 — Campo de lapiás do Casmilo.

Várias grutas foram sendo estudadas na área. O chamado Altar da Missa é uma das muitas grutas de pequena extensão que se abrem nas vertentes abruptas (neste caso, no lado Sul) do «canhão» fluviocársico do Poio Novo (Vale do Poio Novo). A sua bela entrada poderia incluir-se num percurso pedestre que se viesse a estabelecer pelo «canhão».

Exsurgências e nascentes de água termais

A circulação subterrânea das águas nas regiões calcárias termina com o seu aparecimento à superfície nas chamadas exsurgências. A essas águas são, por vezes, atribuídas propriedades curativas.

Não é esse o caso da exsurgência de Alcabideque, na freguesia de Condeixa-a-Nova. Mas nem por isso ela é menos importante merecendo bem ser conhecida.

A exsurgência de Alcabideque é alimentada sobretudo pelas águas infiltradas no afloramento dolomítico a Leste de Condeixa.

Com um caudal médio anual estimado em cerca de 15 milhões de metros cúbicos de água, origina a Ribeira de Alcabideque e permite a rega dos campos na vasta depressão (dita «concha» de Alcabideque) em que se insere e onde se cultivam produtos hortícolas variados, além de abastecer a população local e a de outras aldeias próximas.

Era esta a exsurgência que abastecia a cidade romana de Conímbriga, para onde a água seguia através de um aqueduto de mais de três quilómetros de extensão. Por este motivo e pelo «espectáculo» que é ver a água límpida a «nascer» às vezes em tão grande quantidade, trata-se de um local a merecer todos os cuidados de preservação e embelezamento.

As particularidades hidrológicas dos maciços calcários carsificados traduzem-se essencialmente pela penetração das águas no interior da massa calcária e pela sua saída, depois, na bordadura dos mesmos onde, como no caso de Alcabideque, podem alimentar cursos de água mais ou menos importantes.

A exsurgência da Arrifana tem um caudal médio anual estimado em cerca de 5 milhões de metros cúbicos; constitui um dos principais pontos de saída das águas infiltradas no sector setentrional das Serras Calcárias de Condeixa-Sicó e alimenta a parte permanente do curso do Rio dos Mouros, a partir daí chamado Rio da Ega.

Independentemente do aproveitamento de parte das águas para consumo local, parece possível valorizar a exsurgência e tornar aprazível o seu enquadramento topográfico.

Nas proximidades desta exurgência ainda em princípios do século XX funcionavam os então chamados Banhos da Arrifana. Num pequeno estabelecimento termal, hoje abandonado, utilizavam-se as águas de uma exurgência, que, provindas de circulação cársica, «nasciam» com uma temperatura ligeiramente acima dos 20°C.

Um pouco a Norte deste estabelecimento, uma outra fonte é tida, também, como de águas termais.

No Concelho de Soure, localizam-se, igualmente, nascentes de águas termais.

Os Banhos da Amieira estão situados no vale do Rio Pranto, junto à estrada da Figueira da Foz para Soure e à linha de caminho de ferro do Oeste (Figueira da Foz para Lisboa), na freguesia de Samuel.

O tamanho das instalações directamente destinadas aos banhos dá uma ideia da importância que estas termas já tiveram. No momento, projecta-se a sua reactivação.

O caudal da nascente é de 4000 m³/dia; a temperatura das águas é de 25,8°C. As suas características potenciam o tratamento do reumatismo e de dermatoses.

A Norte de Vinha da Rainha, situadas também no vale do Rio Pranto, as termas conhecidas como Banhos da Azenha ainda são procuradas, embora por poucas pessoas, para o tratamento do reumatismo e de afecções do aparelho digestivo. O caudal da nascente é de 123 m³/dia. As instalações balneares testemunham uma antiga e notável frequência.

Outra das termas do Vale do Pranto, a do Bicainho, situada também na freguesia de Samuel, apresenta águas com características semelhantes às anteriores, ou seja, com potencialidades no tratamento de reumatismo, dermatoses e afecções do aparelho digestivo. A temperatura destas águas ronda os 28°C calculando-se o seu caudal em 420 m³/dia. As instalações termais encontram-se em adiantado grau de degradação.

Também no Concelho de Montemor-o-Velho, imediatamente a Oeste de Verride, no fundo de um valeiro, no chamado Tanque do Brulho, brotam, em quantidade significativa (400 m³/dia), águas azotadas e bicarbonatadas cálcicas.

Estas águas terão já sido exploradas para tratamento de doenças da pele e do aparelho digestivo; de momento, são utilizadas pelas lavadeiras e pelos agricultores, isto é, para lavar roupa e regar os campos ⁴.

⁴ Os dados referentes às nascentes de águas termais situadas nos Concelhos de Soure e de Montemor-o-Velho foram extraídos da Notícia Explicativa da Folha 19-C (Figueira da Foz) da Carta Geológica de Portugal (R. ROCHA *et al.*, 1981).

Matas

São muitas e de vários tipos as matas com potencialidades turísticas na área do PIDR do Baixo Mondego.

A Mata do Vale de Canas, por exemplo, é um espaço parcialmente ajardinado, a cerca de 3 Km para Leste da cidade de Coimbra. Estende-se desde uma altitude de 270 metros, no topo de um dos blocos montanhosos intermédios do Maciço Marginal, até perto do Mondego descendo as vertentes de um profundo vale seu afluente pela margem direita.

Na parte mais elevada, junto à estrada que permite acesso directo a Coimbra, encontra-se o jardim, em regra bem cuidado, particularmente aprazível na Primavera e no Verão. É de salientar, desde logo, a impressionante riqueza florística resultante da mistura de espécies arbustivas e arbóreas típicas de domínios muito diversos.

Da extremidade Sueste do jardim, de um pequeno miradouro, pode dominar-se uma grande parte da Mata onde se destacam, ocupando uma área de cabeceiras do vale afluente do Mondego, bem como a sua vertente da margem direita, eucaliptos antigos, de grande porte (50-70 metros de altura), lado a lado com pinheiros e várias outras espécies de dimensões muito variadas. Trata-se, indubitavelmente, de um espaço a preservar e, mais do que isso, a cuidar para melhor aproveitamento turístico.

Bem diferente da Mata de Vale de Canas, tanto pela localização como pelas características, é a Mata do Choupal.

A Mata do Choupal está situada na planície aluvial do Mondego, a jusante da cidade, a cotas de 15-16 metros, entre o canal estabelecido nos finais do século XVIII, princípios do século XIX, na sequência dos estudos de regularização do leito elaborados pelo Padre Estêvão Cabral, e um velho canal, a Norte do anterior, mais estreito, a que se chama Vagem Grande. Acompanhando uma ligeira inflexão do canal, recentemente alargado, aprofundado e reforçado lateralmente, a Mata alonga-se por quase 2 Km e apresenta uma largura média próxima dos 200 metros.

A origem do Choupal remonta ao tempo da execução do Projecto de Estêvão Cabral. Nele se aconselhava a plantação de ervas e arbustos sobre os areais que se estendiam nas margens (A. F. MARTINS, 1940, p. 198). Assim se procedeu acrescentando-se, também, as árvores; os choupos foram as que melhor se desenvolveram. Hoje, além dos choupos, podem destacar-se os ulmeiros e os eucaliptos entre muitas outras espécies.

Os trabalhos de regularização do curso do Mondego, que têm vindo a ser feitos nos últimos anos, criaram já algumas dificuldades à Mata do Chou-

pal; o seu valor incalculável, porém, levou os serviços oficiais à elaboração de planos para um reordenamento.

Outras Matas têm, ainda, de ser referidas na área urbana de Coimbra.

E o caso do Parque de Santa Cruz, por exemplo, onde, descontando um pequeno campo de futebol, restam perto de 6 hectares de Mata, com limites rígidos (ruas) que lhe dão uma forma quase triangular.

Importante pulmão para a cidade que, crescendo, o isolou completamente, o Parque é, ainda, um espaço com grande diversidade de árvores plantadas em momentos diferentes, algumas de características mediterrâneas, outras folhudas, como choupos, tílias, plátanos, mas também cedros de grandes dimensões.

Sulcado de caminhos, o Parque de Santa Cruz é acessível tanto da Praça da República (entrada principal dando para o antigo recinto do jogo da bola) como das duas ruas que dela divergem.

Por sua vez, com cerca de 200 metros na sua maior extensão, descendo do Jardim Botânico para Oeste, na vertente da margem direita do Mondego e ocupando aí grande parte de um valeiro afluente, hoje barrado pelos edifícios existentes ao fundo da Rua da Alegria e da ligação à Ladeira do Baptista (início da velha Estrada da Beira, hoje Rua do Brasil), a Mata do Instituto Botânico é, apesar de pequena, outro importante pulmão da cidade. O acesso é dado por um portão no Jardim Botânico. Apresenta uma certa diversidade de espécies com interesse científico, mas são particularmente notáveis pelo seu tamanho alguns eucaliptos muito antigos.

A Norte de Coimbra, mesmo nos limites do Concelho, na freguesia do Botão, tem vindo a resistir às investidas do tempo e dos homens uma pequena Mata de vegetação arbustiva com características mediterrâneas muito vinçadas, onde se salientam, entre outras espécies, os medronheiros.

Exposta praticamente a Sueste, ao lado da estrada Botão-Larçã, ocupando um espaço reduzido, que se aproxima dos 250 por 150 metros, torna-se quase impossível penetrá-la em certos pontos tal é a densidade da vegetação⁵. O termo francês de «maquis» aplica-se-lhe com propriedade. Daí ser conhecida por «Maquis» de Vila Soeiro.

Mais aberta é, no Concelho de Condeixa, a Mata de carvalhos do Fura-douro. Com efeito, uma bela e rara mancha de carvalhos portugueses pode ser vista a partir da estrada que liga Arrifana a Casmilo. Trata-se de um testemunho do que poderia ter sido a cobertura daquela área antes dos dese-

⁵ Informação do Dr. Mário A. Matos.



FOT. 9 — Mata do Choupal.



FOT. 10 — Mata de carvalhos do Furadouro.

quilíbrios provocados pelo Homem com a ocupação agrícola e, principalmente, com a introdução da pastorícia, em especial, de cabras.

O carvalho português aparece, de preferência nas Serras Calcárias do litoral entre a da Boa Viagem e a da Arrábida. É de menor porte do que o carvalho roble e não perde totalmente as folhas durante o Inverno.

Perto, situada a Sueste de Conímbriga, praticamente atravessada pela estrada de Condeixa a Penela, a Mata da Abofarda, apesar de não ser totalmente natural, apresenta, sobre solos de natureza gresoconglomerática, manchas quase estromes de sobreiros e de carvalhos portugueses e um sub-bosque rico em espécies mediterrâneas e atlânticas.

Um pouco mais para Sueste, já sobre calcários, a Mata ganha características mais marcadamente mediterrâneas com o predomínio dos pinheiros mansos e dos ciprestes.

A beleza da vegetação e a sombra oferecida nos dias quentes de Verão aconselham a que o local seja devidamente protegido e preparado para as populações das proximidades e para os turistas em viagem. O actual abandono é perigoso para a sua própria sobrevivência.

De tipo ainda semelhante é a Mata situada nas colinas calcárias de Santa Eulália e Ferrestelo, na freguesia de Maiorca (Concelho da Figueira da Foz), junto à estrada que liga Coimbra à Figueira da Foz, onde ainda se pode ter uma ideia da vegetação natural da região. Salientam-se belos exemplares de carvalhos portugueses sobressaindo de um emaranhado de espécies arbustivas.

Bem diferente é a Mata da Serra da Boa Viagem, que ocupa grande parte da sua superfície superior e de alguns vales que descem para Oeste e para Norte.

Mandada plantar pelo regente florestal Alberto Rei, nos princípios do século XX, a Mata, que tem hoje o seu nome, apresenta uma notável variedade de espécies arbóreas, muitas de grande porte, sendo algumas autóctones, outras exóticas.

Cortada por várias estradas, com acesso fácil, quer de Quiaios, quer da Figueira da Foz, a Mata de Alberto Rei oferece, nos dias quentes de Verão, uma frescura digna de realce. Na mistura de espécies arbóreas e arbustivas, distinguem-se, principalmente, pinheiros, eucaliptos e cedros.

Finalmente, não pode deixar de assinalar-se a existência de grandes extensões de Matas Nacionais, com o domínio quase absoluto do pinheiro bravo, ao longo da faixa costeira do Concelho da Figueira da Foz, sobre as areias dunares da planície litoral.

SÍNTESE E CONCLUSÕES

Paisagens contrastantes de montanha

São vários os miradouros com grande interesse turístico donde é possível observar paisagens com elementos montanhosos ligados ao Maciço Hespérico.

Em Coimbra, por exemplo, o Penedo da Meditação é um dos recantos que permitem observar uma paisagem contrastante desse tipo. Trata-se de uma cornija gresoconglomerática, favorecida pela inclinação fraca para Oeste das camadas localmente muito duras do Triássico (Grés de Silves, segundo Paul CHOFFAT, 1887 e 1894) e pela actuação erosiva da Ribeira de Coselhas que, na base, parece seguir uma linha de fragilidade tectónica de direcção geral SE-NW.

Actualmente sofrendo de um certo abandono, apesar de ter sido, em tempos, ajardinada, esta cornija de paredes subverticais voltadas a NE, situada no limite Norte da cidade, domina de uns 50 metros de altura um vale dissimétrico onde a vida rural começa a ser invadida pela vida urbana, vale da Ribeira de Coselhas, na área de S. Romão, e permite observar a subida progressiva do relevo deprimido em materiais triássicos para o relevo saliente em xistos do Maciço Marginal de Coimbra.

Do mesmo género, é, também na área citadina, o miradouro romântico do Penedo da Saudade. Aqui, a cornija gresoconglomerática tem sido apresentada como parte da margem côncava de um meandro (abandonado) do Mondego.

Arborizada e ajardinada, transformada em recanto de grande beleza e encantamento para gerações de estudantes que lá deixaram lápides com versos ou simples recordações dos seus cursos, esta cornija domina a área do Estádio Municipal de Coimbra (antigo leito do Mondego?) de cerca de 50 metros.

O Penedo da Saudade é um dos mais belos miradouros de Coimbra. Em primeiro lugar, fica-lhe na base o bairro residencial da Solum, duas Escolas Secundárias e a Escola Superior de Educação, o complexo desportivo (piscinas e Estádio); um pouco mais longe, ainda a cidade, a Leste subindo pelas vertentes do Maciço Marginal em direcção à Mata do Vale de Canas, a Sueste e a Sul crescendo em torno do Bairro Norton de Matos, antigo bairro de casas económicas edificado no princípio dos anos 40. Com boa visibilidade, do Penedo é possível ver uma grande parte do Maciço Marginal de Coimbra e da depressão que corre a seu lado, rigidamente orientada N-S, tal como a extremidade ocidental da Cordilheira Central (Serra da Lousã).

Ainda em Coimbra, é realmente muito fácil descobrir um bom miradouro na área de Santa Clara. O Largo da própria Igreja de Santa Clara é um dos melhores.

No entanto, na margem esquerda do Mondego, o Miradouro do Vale do Inferno, preparado para tal na velha estrada de Lisboa, é, sem dúvida, o melhor. Situado em plena vertente, sobre calcários dolomíticos do Jurássico inferior (Lias), permite ver, desde logo, a planície aluvial, ainda estreita no seu início, junto à cidade. Permite, igualmente, ver quase toda a cidade — o sítio original e grande parte do seu crescimento actual. Permite, ainda, ver o enquadramento regional do espaço urbano — em dias de boa visibilidade pode observar-se, ao longe, de Norte para Sul, a Serra do Buçaco, a Serra do Roxo-Aveleira e o seu prolongamento para Sul do Mondego (Maciço Marginal de Coimbra) e, a fechar o horizonte, a Serra da Lousã.

Nos arredores de Coimbra, na freguesia de Castelo Viegas, embora sem espaço para estacionamento automóvel, é possível aproveitar algumas centenas de metros da estrada entre Conraria e Antanhol para observar a extensa planície aluvial do Ceira em perfeita continuidade com a do seu afluente Dueça, harmoniosamente meandrantes, bem como a montanha xistosa (ainda o Maciço Marginal de Coimbra, mas a Sul do Mondego) ultrapassando ligeiramente os 400 metros de altitude, densamente florestada com pinheiro bravo. São muito vivos os contrastes das formas do relevo, como são vivos os contrastes da paisagem humanizada numa área periurbana em desenvolvimento a partir de três pequenas aldeias (Ceira, Sobral de Ceira e Vendas de Ceira).

Subindo e acompanhando quase toda a vertente do tradicionalmente chamado anfiteatro de meandro de Ceira, a estrada em causa é uma verdadeira estrada panorâmica a merecer toda a atenção do ponto de vista do ordenamento turístico.

Mais para Sul, na freguesia de Almalaguês, a Volta do Monte é um belo miradouro a aproveitar. Da velha estrada de Coimbra para Penela, perto de Rio de Galinhas, pode observar-se, para Leste, uma paisagem montanhosa de contrastes profundos em que se impõe a Serra da Lousã sobressaindo da depressão marginal na área de Miranda do Corvo. Se as condições de tempo forem favoráveis é possível ver, mesmo, as Serras de Açor.

No local poderia, perfeitamente, criar-se um parque de estacionamento aproveitando algumas árvores existentes susceptíveis de dar sombra.

Outro miradouro a aproveitar seria o do Alto de Maria Pares, perto da Serra de Janeanes, na freguesia do Zambujal (Concelho de Condeixa). Local de fácil acesso, dominando de cerca de 150 metros a depressão do Rabaçal, permite ver, logo na sua base, os já referidos vales, valeiros e barrancos

quase despidos de vegetação, mas também, ao longe, as colinas dolomíticas e, ainda mais longe, a Serra da Lousã.

No primeiro plano, descendo para a depressão, alguns ressaltos na vertente parecem responder a situações estruturais, enquanto outros têm origem em acções erosivas, tal é o modo como os níveis aplanados biselam as camadas de calcário margoso — é, além do mais, uma bela descida em escadaria.

Paisagens caracteristicamente mediterrâneas

Também no Concelho de Condeixa, mas na freguesia de Vila Seca, perto da aldeia com o mesmo nome, pode observar-se para Sul, uma paisagem caracteristicamente mediterrânea, embora quase toda relacionada com o trabalho do homem. Trata-se de um vale seco, bem desenvolvido, com vinha e olival enquadrado por colinas calcárias plenas de harmonia.

Não muito longe, na freguesia do Furadouro, a Serra do Circo impõe-se no conjunto da paisagem calcária das Serras de Condeixa-Sicó como uma grande colina de 406 metros de altitude. Visível de vários ângulos, mas muito particularmente da estrada nacional n.º 1 (Porto-Lisboa), desde a área de Cernache, para Sul, a Serra do Circo é, também, um ponto de observação para todas as direcções. O acesso é fácil podendo subir-se por estrada até ao topo; durante a subida, vão-se impondo as características mediterrâneas da vegetação.

Para Sul, a Serra do Rabaçal, com 532 metros de altitude, é uma das mais elevadas entre as Serras Calcárias de Condeixa-Sicó. Do seu cume, em dias de boa visibilidade, pode observar-se uma vasta área que, para Oeste, se estende até ao Oceano Atlântico.

Ao aspecto desolado dos cimos nus e pedregosos, opõe-se a aparente fertilidade das áreas deprimidas onde se acumulam formações superficiais que permitem o desenvolvimento de solos agricultáveis. Esta fertilidade é, realmente, aparente, pois se existem os solos, falta a água, que se perde em profundidade, através das fendas dos calcários; por isso, além das manchas de oliveiras, apenas se cultivam batatas, favas e alguns cereais, mas sempre em sequeiro, logo de fraco rendimento. No conjunto, porém, toda a paisagem revela uma harmonia de formas agradável à vista e merecedora de protecção.

Paisagens de planície, rio e mar

A Costa de Arnes, na freguesia de Alfarelos (Concelho de Soure) é uma cornija de calcários apinhoados do Cenomaniano-Turoniano (Cretácico),

orientada praticamente N-S. As camadas calcárias apresentam pendores para Este oscilando entre 10 e 25°; a reduzida vegetação permite o acesso fácil à maior parte de forma, de declives fortes para Oeste e relativamente suaves para Este, subestruturais, por vezes, como permite, também, uma boa observação dos campos do Mondego, em especial para ocidente de Montemor-o-Velho.

O acesso é possível pela estrada de Alfarelos para Verride na margem direita do Arunca, junto ao pontão. Trata-se de um local a preservar merecendo um estacionamento cuidado e indicações para um agradável passeio de pouco mais de um quilómetro a pé.

A altitude do vértice geodésico da Costa de Arnes é de 64 metros, o que favorece o domínio não só sobre os arrozais da planície aluvial do Mondego, mas também sobre planaltos e colinas da margem direita, particularmente sobre a colina-cornija de Santa Eulália-Ferrestelo.

Belíssimo miradouro é a colina do Castelo de Montemor-o-Velho. No seu conjunto, apresenta-se como um relevo alongado segundo uma direcção NE-SW, com cerca de 700 metros de comprimento por 300 de largura máxima, dominando de perto de 50 metros a planície aluvial do Mondego. Sítio original de Montemor-o-Velho, vila que se estendeu para fora das muralhas medievais descendo a vertente SE e parte das vertentes E e S, voltada para o seu rio, toda a colina é talhada em calcários compactos do Jurássico médio (Dogger) e separa-se perfeitamente do relevo em crista que se lhe segue para NE através de um colo, bem como do relevo aplanado que a rodeia em todos os outros quadrantes.

Do alto das muralhas pode observar-se grande parte da planície aluvial do Mondego, aí incluindo a área de crescimento urbano actual, o antigo leito ordinário do rio, o leito canalizado nos finais do século XVIII, princípios do século XIX, segundo os estudos feitos pelo já referido Padre Estêvão Cabral, os trabalhos em curso para a regularização dos caudais, os campos de arroz, as digitações da planície com valas afluentes, etc.

Do cimo da colina, das muralhas da antiga Montemor, em dias de boa visibilidade, pode, ainda, observar-se uma parte do relevo calcário da Serra de Sicó e, mesmo, para além da região de Coimbra, a Serra da Lousã.

Boas fotografias das cheias do Mondego na área de Montemor-o-Velho, nos finais dos anos 30, foram publicadas por A. Fernandes MARTINS (1940).

Para quem não queira ou não possa subir ao Castelo, impõe-se uma paragem nos Estaleiros das Obras de Hidráulica do Mondego, mesmo ao lado da estrada Coimbra-Figueira da Foz, na área da colina chamada Cumeada (vértice geodésico de 62 metros). A vista para Sul é particularmente bela no respeitante aos arrozais da planície aluvial do Mondego. Quanto ao

conjunto da paisagem, há grandes semelhanças com o que se vê do Castelo para Sul — planaltos e serras calcárias.

Mais adiante, já no Concelho da Figueira da Foz, na freguesia de Maiorca, a colina de Santa Eulália (ou Santa Olaia), para além da atrás referida mata, tem interesse, também, pelo miradouro que oferece.

Pequena saliência de relevo talhada nos calcários apinhoados do Cenomaniano-Turoniano, a colina de Santa Eulália domina de pouco menos de 20 metros a planície aluvial do Mondego e a sua digitação da margem direita chamada da Quinta da Foja.

Outro miradouro importante a assinalar é, na margem esquerda do Mondego, a Quinta da Almiara, ainda no Concelho de Montemor-o-Velho, mas na freguesia de Verride. Da Quinta da Almiara vê-se a cornija da Costa de Arnes, como se vê Montemor-o-Velho e a cornija e colina de Santa Eulália-Ferrestelo. Antes disso, vêem-se os arrozais e as obras já feitas para a regularização do Mondego. Não é um ponto alto, mas a paisagem que permite observar é interessante.

Igualmente na margem esquerda (freguesia de Abrunheira), pode encontrar-se um bom ponto de vista sobre o Mondego no Alto de Reveles. Dos 114 metros de altitude desce-se rapidamente para a planície do Mondego, na área fortemente apertada — «goteira» de Verride, como lhe chamava A. Fernandes MARTINS (1940). Desde que se evite a vegetação, é possível descobrir vários locais para observar, a ocidente, a parte vestibular do Mondego.

Bem diferentes são os miradouros da Serra da Boa Viagem. Destaquemos os dois mais conhecidos.

Do miradouro do Alto da Vela, situado na extremidade ocidental da Serra da Boa Viagem, a 202 metros de altitude, pode ter-se a mais completa visão panorâmica da área urbana da Figueira da Foz, do estuário do Mondego, das praias do Cabo Mondego, Buarcos, Figueira da Foz, Cova, Costa de Lavos e, até, em dias de boa visibilidade, da Leirosa. Além disso, pode ver-se a planície litoral, densamente florestada, que se estende para Sul e Sueste como que de encontro às colinas e serras calcárias do Concelho de Soure. Mais perto, pode facilmente observar-se o casario disposto pela vertente Sul da Serra da Boa Viagem embrenhando-se pela mata desde a base até aos cimos.

Por sua vez, situado a uma altitude de 258 metros, sobre calcários do Jurássico médio (Dogger), o Alto da Bandeira é o local exacto para observar a terminação Norte da Serra da Boa Viagem, com os calcários quase nus, cortados rigidamente em vertente de forte declive, tal como a descida brusca

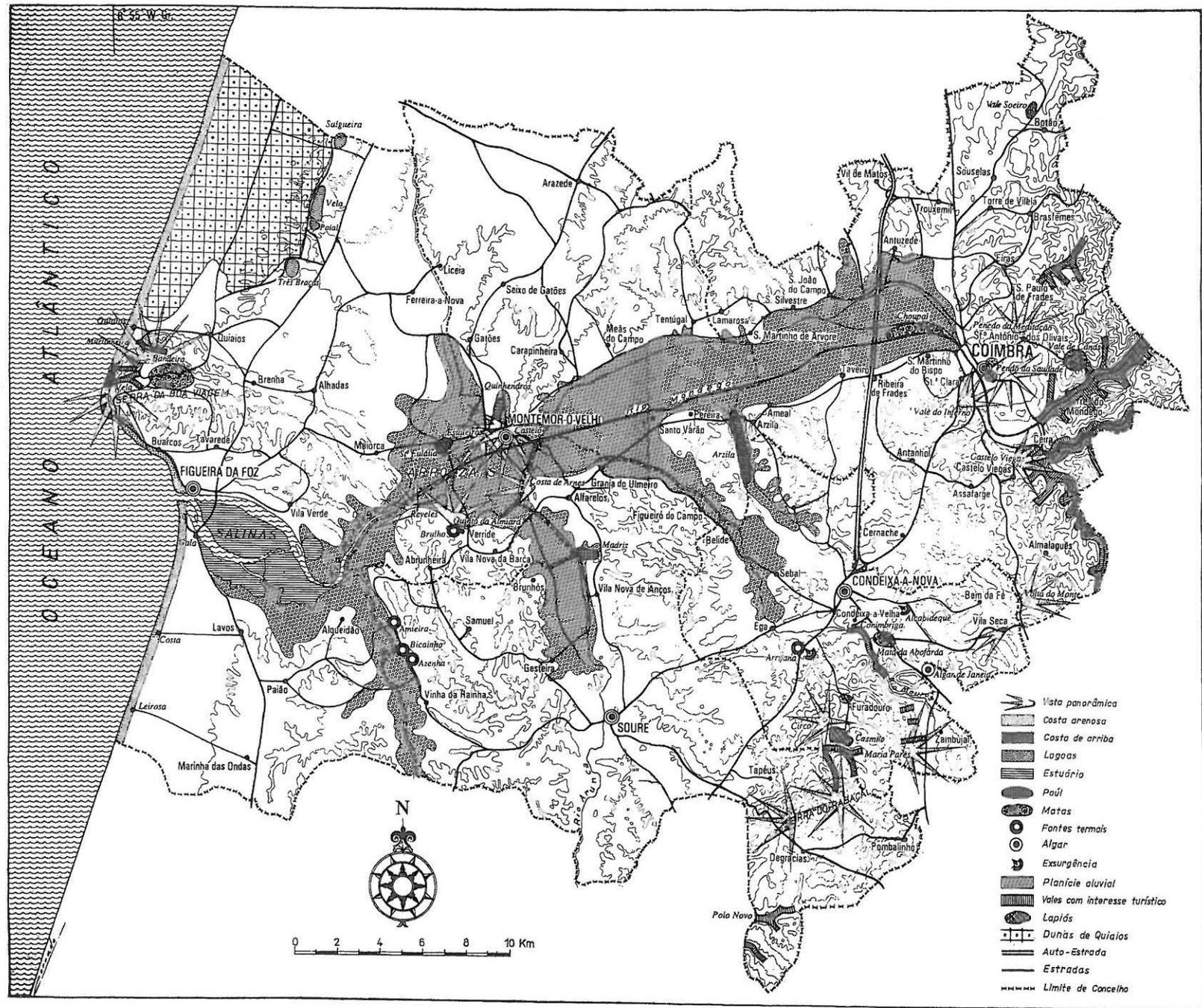


Fig. 2 — Inventário das potencialidades turísticas no âmbito do património natural.

para o mar, a Oeste, e uma boa parte da Mata Alberto Rei, com a sua riqueza florística, a Leste.

Em dias de boa visibilidade, o Alto da Bandeira, ou simplesmente a Bandeira, é o miradouro que permite ver a longa fita de areias que se estende para Norte da Serra, rectilaneamente, a perder de vista, bem como a planície litoral; não é fácil ver-lhe as dunas que vão sendo maiores para Norte à medida que estão mais afastadas da Serra, mas salienta-se a mancha verde da vegetação quase toda de pinhal.

BIBLIOGRAFIA REFERIDA NO TEXTO

- ALMEIDA, F.F., ALMEIDA, P.F., ALMEIDA, N.M.F., MOURA, A.R., SILVA, M.G., PAIVA, J.A.R., NOGUEIRA, I.M., SOARES, A.F., REIS, R.P.B.P., GODINHO, M.M., OLIVEIRA, J.M.P. (1983) — «Aspectos faunísticos, florísticos, geológicos e geográficos do Paúl de Arzila». *Ciência Biológica*. Ecol. Syst. (Portugal), 5, p. 43-78.
- ARNAUT, S.D. (1961) — *A Região do Rabaçal — a Terra e o Homem*. Penela, C.M.P.
- CARVALHO, G.S. (1964) — «Areias da Gândara (Portugal) — uma formação eólica quaternária». *Publicações do Museu e Laboratório Min. e Geol. da Fac. de Ciências do Porto*, 81, 4.ª Série, p. 7-32.
- CHOFFAT, Paul (1887) — «Recherches sur les terrains secondaires au sud du Sado». *Comunicações Serv. Geol. Port.*, Lisboa, 1, p. 222-312.
- CHOFFAT, Paul (1894) — «Notice stratigraphique sur les gisements de végétaux fossiles dans le Mésozoïque du Portugal». *Flore Fossile du Portugal*, Lisboa, Mem. Dir. Trab. Geol. Port., p. 227-288.
- CUNHA, Lúcio (1986) — «As buracas das Serras Calcárias de Condeixa-Sicó». *Cadernos de Geografia*, 5, p. 139-150.
- CUNHA, Lúcio (1988) — *As Serras Calcárias de Condeixa-Sicó-Alvaiázere. Estudo de Geomorfologia*. Coimbra, Faculdade de Letras. Dissertação de Doutoramento em Geografia Física. Policopiada.
- MARTINS, Alfredo Fernandes (1940) — *O Esforço do Homem na Bacia do Mondego*. Coimbra, Ed. Autor.
- MARTINS, Alfredo Fernandes (1946) — «A configuração do litoral português no último quartel do século XIV. Apostila a um mapa». *Biblos*, 22, p. 163-197.
- MENDES, A. Gama (1974) — *Os tufos de Condeixa. Morfologia da área dos tufos de Condeixa*. Dissertação de Licenciatura em Geografia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Policopiada. Com alterações: «Os tufos de Condeixa. Estudo de Geomorfologia». *Cadernos de Geografia*, 4, 1985, p. 53-119.
- «Normais Climatológicas do Continente, Açores e Madeira correspondentes a 1931-1960». *O Clima de Portugal*, 13, Lisboa, Serviço Meteorológico Nacional, 1965.
- PAIVA, Jorge (1987) — *Formações florísticas importantes no Baixo Mondego*. Relatório inédito.

- REBELO, F.M. da Silva (1967) — «Vertentes do Rio Dueça». *Boletim do Centro de Estudos Geográficos*. Coimbra, 3 (22 e 23), p. 155-237.
- REBELO, Fernando (1978) — «Os temporais de 25/26 de Fevereiro de 1978 no centro de Portugal», in «Os temporais de Fevereiro-Março de 1978» (coord. de S. DAVEAU). *Finisterra*, 13 (26), p. 244-253.
- REBELO, Fernando (1984) — «Introdução geográfica», in Pedro Dias e Fernando Rebelo, *Arte e Paisagem na Região de Turismo do Centro*, Coimbra, R.T.C., p. 3-19.
- REBELO, F.M.S. (1985) — «Nota sobre o conhecimento geomorfológico da área de Coimbra (Portugal)». *Memórias e Notícias*, Publ. Mus. Lab. Mineral. Geol. Univ. de Coimbra, 100, p. 193-202.
- ROCHA, Rogério, MANUPPELLA, Giuseppe, MOUTERDE, René, RUGET, Christiane, ZBYSZEWSKI, Georges (1981) — «Notícia explicativa da Folha 19-C (Figueira da Foz)». *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50000*. Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.